

## São Félix

O nome Félix já diz Bem-aventurado ou Feliz (o mesmo se diz de Macário)  
Há alguns santos com este nome:

**Félix Africano (1 de Agosto)**, patrono de Gerona (Catalunha).

Está representado de dalmática (diácono). E tem como atributo um pente de tear de pontas de aço, com que o sangraram que apresenta na mão direita<sup>1</sup>.

**Félix Cantalício (18 Maio / 18 Março)**

Santo italiano dos capuchinhos (Felice Capuccino, Bruder Deo Gracias) nasceu em 1515 em Cantalicio, na Umbria e morreu em Roma em 1587, tendo passado a vida pedindo esmolas para os pobres (Frate Deo Gracias). Para agradecer a sua caridade, a Virgem ter-lhe-ia aparecido e colocado o menino Jesus nos seus braços. (Esta graça se atribui também a S. Francisco de Assis e a Sto. António de Lisboa / Pádua). Este é um dos tópicos da hagiografia mística da contrarreforma. Beatificado em 1625 e canonizado em 1712. Com S. Fidel de Sigmaringen é um dos patronos da ordem dos capuchinhos.

**Iconografia**

Representado com hábito castanho da ordem mendicante, com alforge e rosário. Com frequência, leva o Menino Jesus nos braços.

Séc. XVII: Murillo. A Virgem confia o Menino Jesus a S. Félix Cantalício, 1675. Museu Provincial. Sevilha. O ancião leva o Menino Jesus com precaução, olhando a Virgem, que do alto da nuvem se inclina, sorridente, para ele, abrindo os braços para ele, como pedindo que o devolva. / Guercino: O mesmo tema. Galeria de Este, Módena. / G. Buckereel. Aparição da Virgem. Quadro pintado para a igreja dos capuchinhos de Amberes. Museu Bruxelas. O santo está sentado no seu leito de morte, junto de um ramo de lírio e uma caveira, símbolos da sua pureza e da sua penitência. A Virgem e um anjo mostram-lhe o céu. / Séc. XVIII: Watteau. Debuxo de Mellan gravado por Boucher. Museu Ruão. / Johann Friedrich Kohl. S. Félix ajoelhado diante da Virgem. Baixo-relevo de pedra, 1720. Fachada da igreja de Nossa Senhora de Loreto, Praga.

**S. Félix de Valois, eremita (20 de Novembro)**

Valois, não que pertença à casa principesca, mas que nasceu no condado de Valois, França em 1127. Com João de Malta fundou a Ordem dos Trinitários para resgate dos cativos e morreu em Paris em 1212. Com a sua beatificação no séc. XIII, contribuiu para repor a moda de Félix, entretanto em desuso, no nome de baptismo.

**Iconografia**

Seus atributos são o veado branco com cruz vermelha e azul entre os chifres e correntes rompidas. O cervo se explica porque segundo a lenda, do mesmo modo que Sto. Eustáquio e Sto. Huberto, S. Félix teria visto um cervo cruciforme e que a partir desta visão o priorado, cabeça da Ordem dos Trinitários, recebera o nome de Cerfroid (*Cervus frigidus*). As cadeias rompidas recordam que a ordem dos trinitários foi fundada para o resgate dos prisioneiros. A iconografia retardada deste santo do séc. XII, procede do séc. XVII.

Séc. XVII: Horas de Luís XIV. B.N., Paris. Sentado com traje de eremita, `entrada de uma gruta, vê aparecer um cervo com uma cruz vermelha e azul entre os chifres. / Théodor van Thulden. Vinte e quatro cenas da vida do santo, pintadas na capela de S. Mathurin, em Paris. Em 1633 foram gravadas na *Revelatio Ordinis S.S. Trinitatis* / Pedro Roldão. Estátua de madeira policromada. Tem como atributo esposas de prisioneiro. Coleção do Conde de Güell, Espanha.

**Santos Félix e Adauto, 30 Agosto**

---

<sup>1</sup> Em S. Félix da Marinha é tido, por alguns, como o patrono. Todavia não condiz com a iconografia do patrono que é, não mártir, mas confessor da Fé (ou seja, viver, arriscando a vida, por amor de Cristo).

Irmãos mártires do III século, associados no mesmo culto.

Félix, sacerdote romano, arrancara uma árvore sagrada que, ao cair destruiu um altar pagão. Por isso, o Prefeito fê-lo decapitar com o seu irmão que os cristãos não sabiam como se chamava. E deram-lhe o nome de aductus ou agregado, pois que se juntara a Félix, a fim de receber também a coroa do martírio. Tal acontecera no tempo de Diocleciano (244-311), em 287 ou 303.

#### CULTO

Sobre o seu túmulo, no cemitério de Commodilla, próximo da via Ostiense, eleva-se uma pequena basílica. No séc. IX o Papa Leão IV doou as relíquias dos santos a Ermengarda, esposa do rei Lotário. No palácio Real de Wawel, Cracóvia há uma antiquíssima capela em forma de rotunda, consagrada aos santos Félix e Adauto.

#### ICONOGRAFIA

Os mártires emparelhados ostentam como atributos os ídolos destruídos no chão e a espada da decapitação. / Séc. VI: pintura deteriorada representa a coroação dos dois santos por Cristo, na Basílica do cemitério de Commodilla, Roma. / Séc. XV: Retábulo, 1447. Museu de Breslau. São representados com santa Bárbara, um de cada lado. / Séc. XVII: Busto relicário de prata repuxada. S. Félix tem a espada da decapitação e a palma do martírio, 1678. Abadia de Michaelbeuren (Áustria).

### **Félix e Nabor de Milão, 12 de Julho**

Mártires milaneses torturados no potro (equuleum) e depois decapitados em Lodi, em 304. As suas relíquias foram levadas para Colónia, em 1164, com as dos Reis magos, pelo arcebispo Rainald von Dassel. São santos emparelhados como Gervásio e Protásio, também venerados em Milão.

Séc. XIII: Nicola de Verdun. Relicário dos Reis magos, c. 1270, Catedral de Colónia. A parte inferior do relicário duplo contém as relíquias dos Reis magos, a parte superior, as dos santos Félix e Nabor. Um baixo-relevo, de ouro repuxado, representa Cristo coroando-os.

Séc. XIV: Vitral. Transepto da Catedral de Colónia.

Séc. XVII: Orazio Sammacchini. Pinacoteca de Bolonha.

### **Félix e Régula de Zurique, 11 de Setembro.**

Mártires Africanos cujo culto se estabeleceu na Suíça alemã, após trasladação de relíquias. A sua legenda merece pouco crédito. Após ter escapado à matança da legião de Tebas em Valais, Félix e sua irmã Régula teriam fugido a Glarus, próximo de Zurique, com um criado Exuperâncio. Como se negaram a adorar os ídolos, Décio, governador do Imperador Maximiano (250-310) fê-los submergir em azeite fervente, supliciar na roda e, por último, decapitar, c. 305. Segundo a legenda decalcada em D. Dinis, os santos levaram as suas cabeças decapitadas até ao lugar onde se levantou a Catedral (Grossmünster) de Zurique. Aí se encostaram um à outra. Carlos Magno, guiado por um veado, descobriu os corpos decapitados e deu-lhes sepultura, na presença do bispo.

#### CULTO

São os patronos da cidade de Zurique, onde, desde era carolíngia, o seu túmulo em Grossmünster foi objecto de veneração. As suas imagens aparecem nos selos da abadia e do conselho da cidade. O culto foi abolido pelos protestantes em 1524.

#### ICONOGRAFIA

O trio de santos cefalóforos de Zurique não interessou à arte francesa.

Séc. XII: Baixo-relevo de pedra. Catedral (Grossmünster) de Zurique. / Passionário de Stuttgart. Os santos levam as cabeças cortadas por sobre uma colina.

Séc. XV: Ciclo de cinco quadros. Museu Esztergom (Hungria) 1. Os três caminham de Glarus para Zurique. 2. Padecem o suplício da roda. 3. São decapitados. 4. Um anjo e um cervo mostram o lugar do túmulo a Carlos Magno. 5. Carlos Magno manda proceder à exumação.

Séc. XVI: Hans Leu. S. Félix e santa Régula de pé diante de Cristo com as suas cabeças cortadas. Museu Zurique. / Mestre H. L. Baixos-relevos esculpidos c. 1515. Igreja de Reute, próxima de Friburgo, Suíça.

### **S. Félix de Nola, 7 de Janeiro (14 de Janeiro)**

Confessor (c. 256)

É S. Paulino, Bispo de Nola, que nos dá notícia mais exacta da Vida de S. Félix, presbítero também de Nola, em verso latino, que S. Beda, o venerável, interpretou em prosa. Natural da Síria, o pai, chamado Hérmiás veio para Itália para a cidade de Nola, próxima de Nápoles. Aí teve dois filhos. Hérmiás, o mais velho, alistou-se como militar nos exércitos do Imperador. Félix quis servir, de todo o coração, o Imperador e Rei dos reis, Jesus Cristo.

Morto o pai, Félix, repartindo pelos pobres a maior parte de seus haveres, dedicou-se ao serviço da Igreja. Ordenado sacerdote, a todos edificava com a excelência da sua doutrina e com o exemplo duma vida santa<sup>2</sup>.

Entre 245 e 256, foram terríveis as perseguições, de Décio (249-51) e de Valeriano (253-260). Emissários imperiais vieram a Nola procurar os responsáveis cristãos, com o fim de devastar a Igreja. Assim pensavam: *aniquilado o pastor, se dispersaria o rebanho*. Por esse tempo, era Bispo de Nola, um ínclito ancião chamado Maximiano, santo nos costumes, zeloso e sábio, o qual, lembrando-se daquelas palavras que o Divino Mestre disse aos Discípulos, "*quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra*" (Mt 10, 73), pensando no que seria melhor para a sua grei, guardou-se para outra ocasião, como também o fez S. Cipriano em África, a fim de dar o testemunho de Cristo, para apoiar a resistência dos seus fiéis. Visto que para ele, como pensava, seria mais fácil entregar-se de imediato, pois que desse terminariam as suas tristezas e sofrimentos, mas os fiéis, perdendo o seu pastor e guia, mais facilmente se desorientariam. Desejando antes dar a vida por Cristo, escolheu viver por amor de Cristo.

Confiou, então, ao presbítero Félix a direcção da sua amada grei e retirou-se para lugares ocultos e seguros, levando vida de eremita nos montes. E convivendo com outras feras, alimentando-se do que a natureza lhe oferecia, agasalhava-se em qualquer gruta.

Não tendo os perseguidores encontrado o santo Bispo, descarregaram sobre Félix as suas fúrias. Com habilidade, em vão, vieram com promessas, para logo depois o atemorizarem com ameaças e tormentos. Vendo que nem umas nem outros surtiam efeito, encerraram-no num tenebroso cárcere, espalhando no pavimento agudos pedaços de telhas, a fim de que não pudesse repousar convenientemente. Com Félix preso, não era já possível valer a todas as necessidades espirituais dos fiéis. Tendo-o sabido, Maximiano afligia-se e queria regressar mas não o conseguiu. Além disso, na sua velhice, sofria muito, do frio, da carência de alimentação e de saúde.

Então, o Senhor, vendo a situação daqueles dois pastores fiéis e generosos, decidiu intervir para bem deles e daquele seu povo. De forma espantosa, deu-se o mesmo milagre da libertação de S. Pedro, que Herodes prendera. Félix ouviu uma voz que lhe dizia: Segue-me. Obedeceu prontamente e logo um anjo, abrindo todas as portas da prisão, lhe deu a liberdade e, por fim, conduziu-o ao monte onde Maximiano se encontrava, com fome e frio, estendido no chão, com um aspecto mais de morto que vivo. Mal o viu começou logo a aquecê-lo com o seu bafo. Mas vendo que pouco se prestava, pôs-se a rezar e suplicou ao Senhor que viesse em seu auxílio, em tão extrema

---

<sup>2</sup> A legenda refere que sendo ainda Leitor e Exorcista libertava a muitos do demónio.

necessidade. Como sinal, reparou num cacho de uvas doces, dependurado numa sarça que lhe pareceu um presente do céu. Espremeu-o na boca do santo velho e ele, com tal licor, voltou a si. E, abrindo os olhos, moveu os lábios e começou a louvar a Deus e, de seguida, queixou-se a Félix de se ter atrasado a visitá-lo e a socorrê-lo.

Mas nisto está a prova que o Senhor nunca abandona quem por Ele clama. Como Jonas, mesmo no ventre da baleia, o Senhor é poderoso para daí o retirar. E, depois de ter deixado o homem chegar ao fundo do abismo, o recolhe, o levanta, o consola e lhe dá ânimo. Assim o Senhor, pelo seu anjo livrou Félix do cárcere para o enviar, como anjo, a livrar Maximiano da aflição extrema e da morte.

Abraçaram-se e, depois de piedosos colóquios, resolveram os dois regressar à cidade, para utilidade da Igreja e alegria dos fiéis. A grande caridade de Félix multiplicou-lhe as forças: movido pelo amor que votava a Maximiano, e pela esperança do fruto que as almas colheriam com a visita do seu Pastor, tomando-o sobre os ombros, assim entraram secretamente na cidade. Conservaram-se algum tempo escondidos. Mas como visse Maximiano em tão deplorável estado, levou-o para a casa duma piedosa viúva onde se reanimou. Passada a tormenta, apareceram em público e os fiéis animaram-se. Mas foi de breve a duração este sossego, quer para a Igreja quer para a cidade. De novo se acirrou a perseguição, com mais fúria e, desta vez, o alvo era mais particularmente aquelas duas colunas do edifício da fé.

Mal chegaram à cidade, os emissários do Imperador trataram de procurar Félix, que bem sabiam ser o principal sustentáculo daquela cristandade. Não o reconheceram, embora o tivessem visto na praça e até lhe perguntassem onde o encontrariam. Escondeu-se então num lugar que lhe pareceu secreto, embora em ruína, atrás de uma parede velha e desmoronada. Avisados os emissários, por alguns, que era aquele com quem tinham falado, puseram-se em busca e entraram no esconderijo. Mas, como o lugar estava vedado com espessas teias de aranha, nem sequer o avistaram e acabaram-se as buscas. E Félix entoou, então, o salmo 23/22: *Ainda que caminhe por vale tenebroso não temerei mal nenhum, porque Vós estais comigo.*

Teve o Senhor de alimentar este seu servo, durante o tempo que ali esteve, por seis meses. Uma boa e devota mulher, inspirada e movida pelo mesmo Senhor, depositava pão e outros alimentos que cozinhava para a sua família, nesse esconderijo onde estava o santo, sem se lembrar do que fazia. E, para que não faltasse a bebida, todas as manhãs, o Senhor enviava tanta quantidade de orvalho que se acumulava numa cova e que o dessedentava, como refere S. Paulino. Finalmente, terminada a tormenta, saiu a público e novamente, como o fez anteriormente, começou a exortar todos à prática da virtude. Os fiéis olhavam para Félix como enviado do céu.

Morreu por aquele tempo o Bispo Maximiano, vítima da idade, dos muitos trabalhos e sofrimentos. Os cristãos lembraram-se logo de Félix para lhe suceder, como Pastor e Bispo. Mas ele, escusando-se, apontou e tratou de os convencer a escolher Quinto, clérigo mais velho e de santa vida cristã. Para tal, fê-los compreender o que ganhavam. Deste modo, os fiéis obteriam os trabalhos e serviços dos dois, de Quinto e de Félix. E assim aconteceu, assumindo aquele o governo da diocese, e continuando este a sua frutuossíssima pregação. Como a sua pobreza, grande foi também a sua humildade. Alguns aconselharam a S. Félix que reclamasse o que lhe pertencia e que, durante a perseguição lhe tiraram, como o fizeram outros. Não queira Deus – respondeu o santo, que volte a possuir os bens que perdi por Cristo, nem que cobice essas riquezas da terra que abandonei, para possuir os bens do céu. Passou, então, a sustentar-se com os frutos

de uma pequena horta que ele próprio cultivava, com a ajuda de um outro lavrador. E se alguma coisa sobrava dizia que não era sua, mas pertencia aos pobres. Só usava uma veste e se lhe davam outra oferecia-a a quem necessitasse.

Morreu a 14 de Janeiro, isto é, passou a viver a vida dos bem-aventurados e eterna, de que deram testemunhos os grandes e numerosos milagres que nosso Senhor fez por seu intermédio. Foram tão notórios que vinham ao seu sepulcro, em peregrinação e devoção, os fiéis de muitas partes do mundo, a fim de alcançar a sua intercessão, para receberem graças e favores. O Papa S. Dâmaso compôs versos para lhe dar graças pela saúde que obtivera de Deus por seu intermédio.

Entre os seus milagres, havia um muito particular que era descobrir a verdade oculta que, por outra via, não era possível averiguar, por falta de claros indícios. Levando o acusado ao túmulo de S. Félix, para que jurasse e dissesse a verdade, se mentia era castigado visivelmente. A isso, se refere Sto. Agostinho que enviou de África à cidade de Nola um clérigo infamado de delito grave e o negou, a fim de que, com juramento feito sobre o sepulcro do santo se manifestasse a verdade e purgasse a infâmia. Por longos anos, escorria do seu corpo um licor celeste e saudável que curava muitas doenças.

Finalmente, depois de edificar a todos com a sua vida exemplar, cheio de anos, porém mais ainda de virtudes e merecimentos, faleceu por 256. Foi tido na qualidade de mártir, se bem que não tivesse sofrido a pena capital. Fazem menção dele, S. Paulino de Nola, Santo Agostinho e S. Gregório de Tour. E S. Paulino afirma que Nola era, depois de Roma, o segundo centro de numerosas peregrinações, no século IV.

Era invocado contra enfermidades dos olhos.

## CULTO

É apresentado em S. Félix da Marinha. Dado que há diversos santos com o mesmo nome, por exclusão iconográfica, sustentamos que seja este (nem mártir, nem Bispo, nem Papa<sup>3</sup>). As memórias paroquiais de 1758, já o referem com o nome de Félix, simplesmente<sup>4</sup>. Ao passo que, em Torno (Lousada) se diz Félix, Bispo (actualmente, Papa). Na Sé do Porto há uma escultura de S. Félix que não permite identificar com precisão, a não ser pela legenda, pois que a mão direita está truncada. Há dúvida que nos confunde com uma escultura de S. Vital ou Vidal.

A tradição recolhida nas memórias paroquiais lançam suspeita de certa confusão com Sanfins (S. Pedro de Fins).

## ICONOGRAFIA

É apresentado com vestes sacerdotais, segurando um livro na mão direita, um tinteiro e pena na mão esquerda.

**Fontes: *Flos sanctorum, Ribadeneyra 1790 / Louis Réau Iconografia del arte cristiano Tomo 2 / Volume 4 – tradução / adaptação MA***

---

<sup>3</sup> Cerca de 4 (ou 5) Papas adoptaram o nome Félix.

<sup>4</sup> Houve quem pensasse que seria o S. Félix de Girona, mas a iconografia desmente-o. À serra, na mão direita se opõe o livro e ao livro na mão esquerda se opõe a pena.